

Resumo Alargado da Comunicação:

“A ideia de Portugal na música rock dos anos 80: um testemunho em carne viva”

Florentino Franco e Rosa Fina

CLEPUL/ Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

O nacionalismo musical tem as suas raízes no século XIX, inserido numa corrente tardia do Romantismo. Os grandes compositores que usavam de expressão nacionalista inspiravam-se, principalmente, nas canções populares e na literatura de tradição oral de onde recolhiam grande parte dos temas e dos motes. No que diz respeito à natureza das composições, o nacionalismo era expresso nas instrumentais através da sinfonia e, noutra vertente, tinha a sua expressão lírica e dramática nas óperas. Esta corrente de nacionalismo musical teve uma representação assinalável durante o século XIX, com a notável afirmação do Grupo dos Cinco¹ na Rússia. Foi quase paralelamente consolidado na Europa com nomes como Brahms e Liszt na Hungria e também o boémio Dvórák. O Impressionismo de Debussy e Ravel deu o mote para que a ascendência de novos componentes musicais se propagasse a outros países durante o século XX.

Neste século o nacionalismo musical manifestou-se um pouco por toda a Europa, muito devido à instabilidade provocada pelas duas Guerras Mundiais, pela ameaça da independência pelas superpotências e também pela persistência num espírito colonialista. Torna-se quase tão importante como a literatura de cariz nacionalista, levando vantagem em relação ao género escrito, da universalidade do seu meio de expressão: a música ultrapassa qualquer barreira linguística. Béla Bartók, por exemplo, é um compositor húngaro, subscritor do nacionalismo exacerbado, cujas obras chegaram a ser banidas pelo regime nazi.

Quanto ao género musical que iremos abordar, o *rock*, nos anos 80 já era um movimento consolidado e muito mais abrangente do que nas suas primeiras manifestações. Oficialmente, a primeira gravação *rock n' roll* foi feita em 1955 por Bill Haley and the Comets, com a música “Rock around the clock”. Porém, as origens do *rock n'roll* remontam

'César Cui , Aleksandr Borodin , Mily Balakirev ,Modest Mussorgsky , e Nikolay Rimsky-Korsakov

a tempos bastante a anteriores. Contornando a raiz filológica da expressão², o termo é quase indissociável da cultura afro-americana do início do século XX, que conotou a expressão tanto com a dança e a diversão em geral, como com o acto sexual³. Na década de quarenta uma jornalista de música usou o termo “rock and roll” para descrever um género de música mais dançável e direccionado para um público mais jovem.

Este género musical oriundo dos Estados Unidos difundiu-se um pouco por todo o mundo, principalmente nas décadas de 50 e 60, com fenómenos que também acompanharam essa escala, como Elvis Presley ou Beatles, por exemplo. Contudo, o sucesso deste estilo noutros países reflectiu-se não numa reprodução exacta do fenómeno estadunidense, mas numa interpretação autóctone do género, ou seja, manteve-se a estética com a expressão adequada à euforia sentimental consequente das tendências e contexto de cada país.

Nos anos 80 em Portugal viviam-se tempos ainda confusos. Depois de 38 anos de Ditadura, uma revolução em 1974 trouxe luz sobre uma obscuridade demasiado prolongada e a possibilidade de uma nivelização com os outros países europeus – problemática que se adensa com a entrada na CEE em 1986 – e, quiçá, com os Estados Unidos. Mas essa nivelização, que, pela urgência na mudança da situação portuguesa, se desejava quase imediata, é antes um processo moroso e intrincado que ainda hoje, já a entrar na segunda década do século XXI, não se concretizou. Nos anos 80, no entanto, não havia essa consciência, até porque não havia comparação possível com situação semelhante. Foram, por isso, anos de excessos e de uma descoberta quase adolescente da liberdade. Tudo isto se reflectiu agudamente na cultura portuguesa em geral e, particularmente, na música.

Até hoje não há registo de uma década tão fecunda no aparecimento de novas bandas e novos projectos musicais de grande qualidade e, sublinhe-se, de grande originalidade. Nomes como Xutos e Pontapés, Heróis do Mar, GNR, UHF, Mler Ife Dada, Jorge Palma, Rui Veloso, Pop Del’Arte, Rockivários, Ocaso Épico ou Street Kids, estes três últimos entre outros cuja duração não sobreviveu à década, insuflaram as veias da sociedade cultural de oitenta com um sangue novo quase inebriante. As salas de concertos que já existiam enchiam, improvisavam-se outras (como pavilhões de ginásios e de sociedades

² A expressão rock n’ roll aparece pela primeira vez no século XVII para descrever o movimento de um barco em alto mar. *Rocking*, para descrever o movimento de embalar para a frente e para trás e o *rolling* para descrever o movimento de balaço para os lados. ³ Conotação proveniente de expressões como “rolling on the hay” (rebolar no feno), entre outras.

recreativas) e novos espaços unicamente vocacionados para a música abriam. Foi o caso do famigerado Rock Rendez-Vous, hoje, como na altura, verdadeiro sinónimo de *rock* dos anos 80.

Este estudo incide precisamente neste *corpus*: as bandas de *rock* dos anos 80 ea imagem de Portugal, bem como a ideia de nacionalidade, que elas traduziram nas suas composições. As perspectivas são inúmeras, fazendo jus à riqueza e diversidade dos projectos. Desde o cantar quasi-nacionalista dos Heróis do Mar ou de Sétima Legião, ao *punk* mal comportado e revolucionário dos Xutos e Pontapés, que elencou algumas das mais agudas críticas sociais da época. Não esquecendo também o mundo onírico de Jorge Palma ou António Variações, ambos viventes de uma nacionalidade muito particular, sempre itinerante. De salientar também a fina metáfora dos GNR, que desde cedo colocaram algumas das grandes questões nacionais em versejos lúdicos que ficavam facilmente no ouvido.

Se o Fado nos pode caracterizar como género musical que nos define como povo, com o predomínio de emoções materializadas em vocábulos como a saudade, a mágoa, a tristeza, o amor ou o destino⁴, o *rock* dos anos 80 traz ânimo a esta alma melancólica que tantos estrangeiros classificaram como inabalável⁵ e de brandos costumes⁶. Não se trata de cantos de intervenção, mas também não deixam de o ser, já que é incontornável o engajamento político e social da maior parte das letras musicais.

Sendo possível definir algumas linhas de pensamento comuns a umas bandas e incomuns a outras, aventamos a hipótese de existirem bandas que contavam e reflectiam sobre a crise social e os problemas mais quotidianos, e aqueles que, acima de tudo, problematizavam a perda de um lugar cimeiro que Portugal já ocupara na história. Como refere Duarte Drumond Braga, as bandas activas nesta década reuniam “desde as referências à esfera sócio-política até à recuperação mítico-simbólica de signos histórico-culturais, o pensar Portugal em pleno *rock* – bem como em qualquer outro meio cultural deste período – parte necessariamente da consciencialização do termo abrupto de um ciclo imperial de meio milénio.”⁷

⁴ Zuzanna Bubak Silva, *Fado – uma aproximação semântica*. Varsóvia: Oficyna Wydawnicza ATUT, 2008. ⁵ Mircea Eliade, “Appendix B: First Impressions of Portugal” in *The Portugal Journal* (Preface and Notes by Mac Linscott Ricketts). Albany: State University of New York Press, 2010, p. 239. (tradução nossa) ⁶ Steve Vai, “Brandos costumes” in *Alive in a ultra world*, 2003. ⁷ Duarte Drumond Braga, “Notas sobre Portugal como questão no *rock* dos anos oitenta: Sétima Legião e a mitopoética da Cultura Portuguesa” comunicação feita no Colóquio *Poéticas do Rock*, FLUL, 2009.

Pretende-se com esta análise lançar luz sobre um campo muitas vezes esquecido no questionamento do nacional: a música, sublinhando não só a sua importância pela capacidade que tem de chegar às massas, mas principalmente como inegável estatuto de testemunho que retém, em alto e baixo relevo, as vivências, os ideais, os sonhos, as expectativas e as decepções de toda uma geração.